NARRATIVAS VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A FOTOGRAFIA COMO EXPRESSÃO DA CRIANÇA

Anna Beatriz Fernandes Duarte Claudino [1]

Gillyane Dantas dos Santos[2]

José Lucas da Silva Henrique[3]

Resumo

O interesse científico pela infância é relativamente recente, Sarmento (2007) reflete que a (in)visibilidade histórica e cívica que as crianças vivenciaram foram suporte para uma potencial ausência de investigação sobre as crianças e as infâncias. Reconhecemos que os estudos sobre essas duas categorias têm tido um expressivo crescimento, ainda assim, é necessário apontar para um outro viés nestas produções: a pesquisa realizada com a criança. A criança como sujeito histórico, cultural, ativo e de direitos, tem ocupado cada vez mais seu lugar social dentro dos contextos em que vivem. As suas participações e linguagens tem oportunizado ampliar a construção de pesquisas com as crianças envolvidas diretamente como colaboradoras dos estudos, para além de indivíduos observáveis, agora pessoas com participação ativa. Nesse processo, a fotografia se apresenta como um interessante recurso que auxilia na construção de narrativas infantis produzidas, sobretudo, pelas próprias crianças. A fotografia vai além da imagem, e como afirmam Santos e Maia (2020) a linguagem fotográfica não é algo solto, se configurando como um instrumento de observação, que terá dependência de análises e reflexões como também o rigor metodológico. Essas análises e reflexões são as principais responsáveis por transformar essas imagens em narrativas. A educação infantil se compõe por múltiplos sentidos e significados derivados dessas narrativas que vão comunicar as experiências vivenciadas pelas crianças. Dessa forma, entende-se que a partir da utilização da fotografia na educação infantil, as crianças conseguem expressar as suas diferentes linguagens. Ao considerar que a fotografia tem um importante papel na percepção de mundo, e é na infância onde o mundo começa a desabrochar e ter diferentes significados, apontamos para esse instrumento como um meio capaz de garantir a efetivação do princípio estético na educação infantil. O referido princípio diz respeito aos aspectos relacionados ao desenvolvimento da criatividade, sensibilidade, bem-estar, fruição e expressão frente aos aspectos culturais e sociais (Brasil,

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia; Campus III da Universidade Estadual da Paraíba. anna.claudino@aluno.uepb.edu.br

[2] Doutora em Educação. Professora do Curso de Pedagogia, Campus III, da Universidade Estadual da Paraíba. gillyanedantas@servidor.uepb.edu.br

[3] Graduando do curso de Pedagogia; Campus III da Universidade Estadual da Paraíba. jose.lucas.henrique@aluno.uepb.edu.br

2013). O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de uma proposta metodológica para expressão da linguagem visual, utilizando a narrativa fotográfica com crianças de entre 5 e 6 anos de idade, de uma Organização Não Governamental (ONG), denominada Eco do Quilombo na escola pela vida[4], localizada na cidade de Alagoa Grande-PB. Na atividade em questão, utilizamos como recurso didático a fotografia, para que as crianças expressassem sua linguagem visual e oral de modo livre. Metodologicamente, a intervenção teve por base a produção de imagens fotográficas feitas por crianças, após terem estudado de modo contextualizado a temática da Educação Ambiental. O nosso interesse com a proposta era oportunizar um espaço de contextualização, exercício e fruição (Mae Barbosa, 2010) para estimular a construção da consciência crítica acerca do tema gerador. De modo mais detalhado apontamos os passos interventivos que foram realizados em três dias: no primeiro dia, ainda em sala com as crianças, realizamos uma discussão acerca dos conceitos de meio ambiente e paisagem natural, para que pudéssemos ter clareza do repertório que as crianças possuíam sobre o tema. Fez parte de toda abordagem os conhecimentos prévios das crianças e percepções pessoais sobre o espaço geográfico onde residem. Isso, fortaleceu o vínculo das crianças com todo percurso ao qual em seguida foi desenvolvido, pois, como retrata Santos e Maia (2020) é necessário que cada vez mais sejam utilizadas ferramentas que possam integrar as crianças nos ambientes de modo amplo, e que sejam dadas voz as mesmas. Com isso, logo após as atividades discursivas, foram abordadas questões como: “O que seria a fotografia?” “Qual sua importância?” “E como utilizar a fotografia como um instrumento de pesquisa?” Todos estes questionamentos foram levantados de forma abrangente utilizando sempre as ideias que as crianças já possuíam sobre a temática. No segundo dia, pedimos que as crianças se dividissem em duplas para que pudéssemos ir ao espaço externo da instituição e ter os primeiros contatos com o ambiente que estaria disponível para ser fotografado. Livremente as crianças começaram a observar, apontar, dialogar entre equipes e foram ao encontro de diversas paisagens e elementos naturais que lhes permitiram registros interessantes. Ao concluírem as fotografias, retornamos para o nosso espaço referência e fomos dialogar sobre o momento prático. Nos organizamos em círculo para favorecer o diálogo e permitir que cada criança falasse sobre como se sentiu diante da experiência de registrar uma paisagem ou um elemento natural. Ressaltamos a compreensão de que é papel do docente favorecer o despertar da ludicidade por meio da oferta de atividades lúdicas, mas que só teremos condições de

[4] Importa esclarecer que as crianças que frequentam essa ONG, necessariamente precisam estar matriculadas na rede regular de ensino.

compreender se o processo foi lúdico ao ouvir as crianças. Acreditamos, portanto, que a ludicidade é um sentimento interno e individual, podendo ser ou não despertado a depender da forma como as experiências lúdicas são vividas (Luckesi, 2022). Após ouvir atentamente cada criança, solicitamos que elas escolhessem dentre os registros que fizeram, aquele que mais representava a compreensão da equipe acerca do tema estudado. Mediante as escolhas feitas, solicitamos que cada equipe apresentasse seu registro aos colegas e expressassem por meio da linguagem oral a interpretação do registro frente à luz do que estávamos estudando, nesse momento permitimos que as crianças fruíssem acerca dos processos fotográficos construídos por elas. Por fim, no terceiro dia, toda a turma foi convidada a construir uma narrativa fotográfica com a união de todos os registros. A sequência narrativa foi organizada pela turma, em diálogos e construções argumentativas, favorecendo o exercício político (Brasil, 2013). Estabelecida a sequência narrativa, organizamos uma exposição fotográfica para que a escola e a comunidade pudessem ter acesso ao conhecimento do tema acerca da produção feita pelas crianças. As imagens foram expostas com legendas e na sequência criada pela turma, mas deixamos um momento inicial para que as pessoas pudessem interpretar os registros e, posteriormente, convidamos as crianças para dialogarem com o público espectador. Com o desenvolvimento da proposta em questão, as crianças conseguiram realizar a atividade de forma autônoma, participativa e criativa, tornando possível atender aos princípios éticos, políticos e estéticos (Brasil, 2013). Vale ressaltar a importância da proposta interventiva quando consideramos que as crianças têm múltiplas linguagens, formas diferenciadas de expressão e plenas condições de construí-las de diferentes formas, se configurando como agentes ativos nas experiências vividas, organizando suas percepções e interpretações frente ao mundo (Corsaro, 2009). Nesse contexto, existem distintas formas de expressar essa linguagem, seja de modo verbal, não verbal e mista, considerando a necessária atenção do docente frente aos variados tipos linguísticos da criança. O educador, neste caso, exerce um importante papel na mediação dessa experiência estética, uma vez que se coloca como responsável por criar estratégias que favoreçam a ampliação do repertório cultural dessas crianças, oportunizando vivências exploratórias frente aos temas em estudo. Consideramos, portanto, que é preciso ampliar as percepções do olhar, decompondo o mosaico já estabelecido socialmente para enxergar os detalhes, as minúcias, a figura que se revela ao olhar do espectador que busca por um registro ideal (Souza, Lopes, 2022). Face ao exposto, reiteramos a defesa de que o registro visual realizado pelas crianças potencializa a produção de um tipo de linguagem entre tantos outros, sendo esta expressiva e (re)interpretativa aos olhos e experiências de quem as vê. Portanto,

diante dos resultados obtidos com a intervenção foi possível identificar que as crianças além de registrar, construíram uma reflexão crítica frente ao estado ambiental das paisagens naturais observadas e fotografadas por elas, assim como aponta Salgado (2013), elas estiveram diante da possibilidade de captar o mundo que está desaparecendo, mas que ainda vive de diferentes maneiras harmoniosas com a natureza.

Palavras-Chave: Linguagens. Estética. Comunicação.

Referências

BARBOSA, Ana Mae Barbosa; CUNHA, Fernanda (Org.). **Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2013.

CORSARO, W. A. Reprodução Interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, F. CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com Willian Corsado. São Paulo: Cortez, 2009.

LUCKESI, C. C. **Ludicidade e Atividades Lúdicas na Prática Educativa:** compreensões Conceituais e Proposições – São Paulo. Cortez, 2022.

SALGADO, Sebastião. Gênesis. Colônia: Taschen, 2013.

SANTOS, G. dos; MAIA, G. M. O. da. Imagens que visibilizam as infâncias: A linguagem fotográfica na educação infantil. **Ponto-e-Vírgula**, São Paulo, n. 28, p. 42-57, 2020.

SARMENTO, M. J.; VASCONCELLOS, V. M. R. de. (Org.) Infância (in)visivel. São Pulo: Junqueira&Marin Editores, 2007.

SOUZA, S. J. e; LOPES, A. E.. Fotografar e Narrar: a produção de conhecimento no contexto da escola. **Cadernos de Pesquisa**, n.116, p. 61-80, junho, 2002.